

ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Lina Rayane Gomes Barbosa ¹
Paula Almeida de Castro ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva relatar a experiência vivenciada no Programa Residência Pedagógica (CAPES), no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I (Campina Grande – PB). O Programa, em linhas gerais permite aos licenciandos/residentes a imersão na escola de educação básica (escola-campo), contemplando as atividades de intervenção em sala de aula e regência, promovendo assim, uma articulação entre teoria e prática docente. A experiência, apresentada neste trabalho, está sendo realizada em uma escola municipal de Campina Grande – PB, em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental das séries iniciais, ocorrida em contexto remoto, devido à pandemia do novo Corona Vírus SARS-COV-2. Neste contexto, a atuação docente precisou ser adaptada para a modalidade do ensino remoto, assim como também a atuação das residentes na escola que, acompanhadas, pela professora preceptora e orientadas pela docente orientadora, estão aperfeiçoando suas práticas para que possam contribuir no processo de alfabetização dessas crianças.

METODOLOGIA

As intervenções pedagógicas e as regências realizadas pelas residentes são sempre acompanhadas pela preceptora (professora da escola-campo) e pela docente orientadora (vinculada à UEPB). Para organizarmos as ações a serem desenvolvidas temos encontros semanais de formação teórica, por meio da plataforma do *Google (Meet)*, organizadas pelo subprojeto e realizadas na IES e encontros de planejamento com a professora preceptora (também pelo *Google Meet*) para a realização das atividades de regência

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, linarayanegomes@gmail.com

² Professora, vinculada ao Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, paulacastro@servidor.uepb.edu.br

escolar. As atividades de regência consistem no acompanhamento de cada residente com um aluno da escola-campo, da turma da preceptora. Essa atuação com os alunos se dá semanalmente e de forma remota por meio de chamadas de vídeo via *WhatsApp*, combinadas com os pais ou responsáveis, de acordo com a disponibilidade de cada um, nas quais são realizadas atividades planejadas pelas residentes e orientadas pela preceptora.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização de crianças não é um processo simples, demanda um extenso trabalho do profissional docente, que para tanto, deve utilizar boas metodologias de ensino. Para a autora Magda Soares (2003), o acesso ao mundo da escrita se faz basicamente por duas vias: uma através do aprendizado de uma “técnica”. Segundo ela, a escrita é uma técnica, pois aprender a ler e escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, codificar ou decodificar. A outra via consiste em desenvolver as práticas de uso dessa técnica. Aprender o código e aprender a usá-lo nas práticas sociais constituem dois processos e um não acontece antes do outro, as duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra.

Nesse processo, para que sejam desenvolvidas boas intervenções pedagógicas, o professor precisa obter conhecimentos sobre os níveis de leitura e escrita que os alunos apresentam. Coutinho (2005), explica cada um dos níveis de escrita, ressaltando que no nível pré-silábico, [...] “as crianças possuem hipóteses bastante elementares sobre a escrita. Em uma etapa inicial, os alunos consideram que escrever é a mesma coisa de desenhar.” Nesse nível eles ainda não perceberam a relação entre a fala e a escrita. Já sobre o nível silábico, a autora aponta que os alunos começam a entender a relação da escrita com a pauta sonora das palavras. Ao passo que escreve uma letra para cada sílaba, passam por alguns conflitos e criam novas hipóteses, como por exemplo, perceber que existe uma quantidade mínima de letras para escrever. No nível silábico-alfabético, a autora explica:

Nesse nível os alunos já têm suas hipóteses muito próximas da escrita alfabética, uma vez que eles já conseguem fazer a relação entre grafemas e fonemas na maioria das palavras que escrevem, embora ainda oscilem entre grafar as unidades menores que a sílaba (COUTINHO, 2005. p. 60).

No nível alfabético, o aluno começa a compreender que a escrita corresponde a pauta sonora, fazendo a escrita das palavras da mesma forma da pronúncia.

Quando dizemos que um aluno está no nível alfabético, estamos dizendo que ele já é capaz de fazer todas as relações entre grafemas e fonemas, embora ainda possua problemas de transcrição de fala e cometa erros ortográficos. Por exemplo, em nossa região é muito comum encontrarmos crianças que escrevem a palavra menino da forma: mininu. Os alunos que cometem esses “erros” estão colocando em prática os conhecimentos que possuem sobre a escrita, embora esta precise de correção ortográfica. (COUTINHO, 2005. P.61)

É importante salientar que para uma evolução nos níveis de escrita dos alunos, é necessário que sejam realizadas atividades desafiadoras, que coloquem em jogo tudo o que já sabem, para que possam criar novas hipóteses, nesse sentido o professor deve planejar as atividades, de acordo com a heterogeneidade dos alunos, levando atividades diferenciadas para os alunos com hipóteses de escrita diferentes. Também é indispensável que os alunos estejam sempre em contato com diferentes tipos de texto, para aprimoramento da leitura e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar do atual contexto e da forma remota de atuação, percebemos muitas contribuições do Programa Residência Pedagógica, tanto para nossa formação como graduandas de pedagogia, como também para o trabalho docente da professora preceptora. Também podemos constatar uma grande contribuição para os alunos que estão em processo de alfabetização no contexto remoto. Há que se considerar que a organização das ações do subprojeto de Pedagogia/Alfabetização, no modo remoto, foram um desafio adicional na formação profissional ao que, tradicionalmente, é considerado um obstáculo no processo de escolarização.

Após as intervenções das residentes, mesmo sem o ensino e as interações presenciais, podemos perceber nesses alunos um grande avanço nos níveis de aprendizado da leitura e da escrita. A exemplo, destaca-se aqui a evolução da aluna Érika Maria, de 6 anos, que no início das intervenções encontrava-se no nível de escrita silábico com valor sonoro e após as intervenções e acompanhamentos progrediu para o nível de escrita alfabético.

Para Ferreiro e Teberosky (1979), as crianças passam a formular hipóteses próprias durante o processo de leitura e escrita. Dessa forma, mesmo sem saber ler e

escrever convencionalmente os alunos constroem suas próprias ideias sobre a escrita, atribuindo-lhes significado. Essas hipóteses seguem uma ordem de evolução que se inicia na hipótese pré-silábica, quando as crianças ainda não fazem relação da escrita com o significado das palavras. Em seguida, construindo hipóteses, as crianças passam a relacionar os símbolos gráficos às sílabas orais, passando assim para a hipótese silábica. Ao compreender os fonemas da língua, as letras como unidades menores que as sílabas, as crianças chegam à hipótese alfabética. Nesse nível já se compreende os princípios que constituem a escrita alfabética.

Para que os alunos possam evoluir nesses níveis de aquisição da leitura e escrita é necessário que o professor o instigue a participar de situações desafiadoras, a fim de que reflitam sobre a língua escrita. Nesse processo é importante que os alunos estejam em contato com diferentes gêneros como poemas, contos, bilhetes, entre outros tantos textos reais, com significado e que podem levar as crianças a aprenderem muito sobre a escrita. Na experiência aqui relatada, mesmo de forma virtual, tivemos a oportunidade de levar para as crianças atividades diferenciadas utilizando diferentes gêneros textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos como bolsistas da Residência Pedagógica, no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização, tínhamos a expectativa de que pudéssemos vivenciar essa experiência de forma presencial, em interação e contato direto com os alunos, no ambiente escolar. No entanto, nosso atual contexto trouxe-nos o desafio de viver essa experiência de forma remota, nos adaptando a essa nova forma de ensino e criando novas estratégias de atuação docente. Mesmo diante de alguns obstáculos, tivemos a oportunidade de contribuir com o aprendizado dessas crianças, acompanhá-las e vê-las evoluir no processo de aquisição da leitura e escrita, aperfeiçoando nossa prática e enriquecendo nossos conhecimentos no decorrer da nossa formação.

Palavras-chave: Alfabetização; Regência; Residência Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui expressar meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me dado a oportunidade de participar do



Programa Residência Pedagógica. Agradeço à docente orientadora Elizabete Carlos do Vale (CEDUC/UEPB), à professora preceptora Marcyane Albuquerque por todo as orientações e contribuições à minha formação profissional.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur Gomes de, *et al.* **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p . 47-69.

FERREIRO, E.;TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

SOARES, Magda. A Reinvenção da Alfabetização. **Presença Pedagógica**, v. 9, nº152, jul/agos.2003.